

This file has been cleaned of potential threats.

If you confirm that the file is coming from a trusted source, you can send the following SHA-256 hash value to your admin for the original file.

da6683a3ae1a60964f289cfe45fb648d5fe6f1b02d5c24d918c1d7429e03f2cf

To view the reconstructed contents, please SCROLL DOWN to next page.

<http://amazoniareal.com.br/belo-monte-licoas-da-luta-1-resumo-da-serie/>



Belo Monte: Lições da Luta 1 – Resumo da série



[Philip Martin Fearnside](#) | 11/12/2017 às 20:19

A luta para parar a barragem de Belo Monte, cujo reservatório foi enchido em dezembro de 2015, tem lições para outras lutas por recursos na Amazônia e em outros lugares. Entre os impedimentos que não conseguiram parar a barragem foram os esforços de resistência de vítimas indígenas e não indígenas dos impactos da barragem, bem como das organizações não governamentais e outros atores que apoiam a sua causa.

O lado pró-barragem teve apoio político e financeiro maciço dos níveis superiores do governo brasileiro, incluindo a vigorosa participação da ex-presidente Dilma Rousseff. Ao mesmo tempo, as realizações do lado antibarragem, particularmente as organizações de base local, forneceram a inspiração para as lutas sobre recursos em outros lugares (embora as vitórias da resistência são significativamente menos definitivas do que foi pensado por muitos na época).

A barragem de Belo Monte (Figura 1), com capacidade instalada de 11.233 MW, agora bloqueia o Rio Xingu, deslocando aproximadamente 25.000 pessoas na cidade de Altamira e 18.000 ribeirinhos ao longo do trecho deste afluente do Rio Amazonas que atualmente está inundado pelo reservatório ([1], [2]: 12-13). Quando todas as turbinas forem instaladas em 2019, um trecho de 100 km de rio abaixo da barragem principal vai perder 80% do seu volume de água, destruindo os meios de subsistência da população de ribeirinhos que depende da pesca nesta área, bem como os povos indígenas em duas “terras indígenas” deste trecho de “vazão reduzido” e um no Rio Bacajá, um afluente do Xingu.

Planos para barragens adicionais a montante de Belo Monte que inundariam vastas áreas de terra indígena são oficialmente negados atualmente. Impactos ambientais também serão grandes. Argumentos lógicos, legais e éticos foram deixados de lado, na medida em que o projeto de construção de Belo Monte avançou [2].

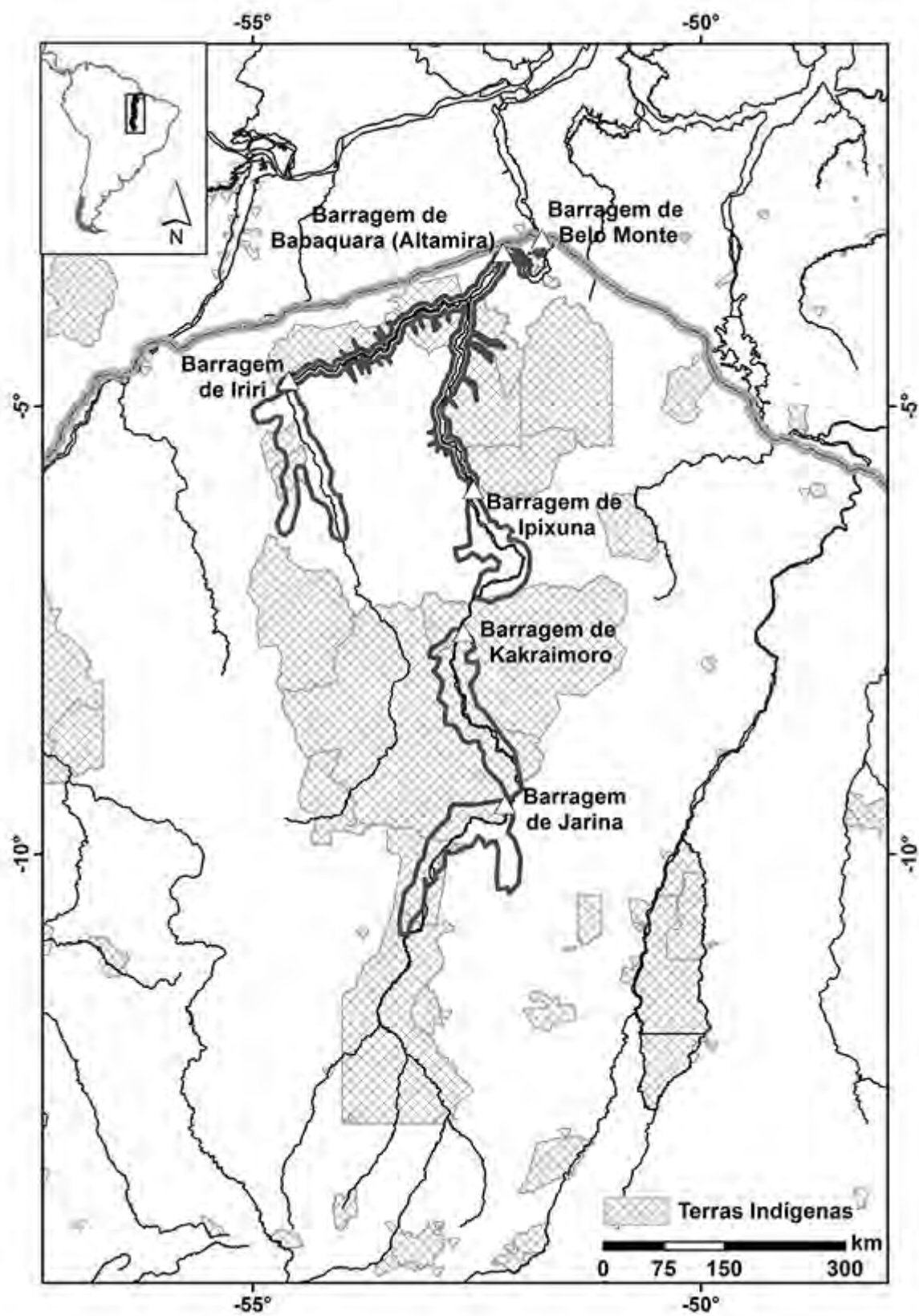


Figura 1 – Barragens e contornos dos reservatórios originalmente planejados para a bacia do Rio Xingu. Áreas indígenas estão em hachura cruzada. A questão de se barragens rio acima de Belo Monte serão posteriormente construídas, que as autoridades do governo brasileiro atualmente negam, é uma parte crítica do debate.

Atores locais, e uma vasta gama de grupos de apoio externo, lutaram contra os planos de Belo Monte, mas não foram capazes de convencer o governo brasileiro a mudar de rumo. Amazônia e outras áreas em desenvolvimento enfrentam muitas lutas por recursos, dos quais hidrelétricas representam um exemplo importante. Tais esforços são prováveis de se tornar ainda mais comuns com a expansão contínua do apetite da sociedade por recursos e da sua capacidade para extraí-los.

Aprendendo lições com a luta em Belo Monte, portanto, é relevante para uma grande variedade de questões de desenvolvimento. A presente série de textos analisa a luta de Belo Monte e as suas lições. [4]

Notas

[1] Villas-Bôas, A., Garzón, B.R., Reis, C., Amorim, L. & Leite, L. 2015. *Dossiê Belo Monte: Não Há Condições para a Licença de Operação*. Instituto Socioambiental (ISA), Brasília, DF, Brasil. 55 pp. Disponível em: <http://t.co/zjnVPhPecW>

[2] Fearnside, P.M. 2017. Belo Monte: Actors and arguments in the struggle over Brazil's most controversial Amazonian dam. *Die Erde* 148(1): 230-243. doi: 10.12854/erde-147-18. http://www.die-erde.org/index.php/die-erde/article/view/264/pdf_1

[3] Fearnside, P.M. 2017. Brazil's Belo Monte Dam: Lessons of an Amazonian resource struggle. *Die Erde* 148 (2-3): 167-184. <http://dx.doi.org/10.12854/erde-148-26>. <http://www.die-erde.org/index.php/die-erde/article/view/265>

[4] As pesquisas do autor são financiadas exclusivamente por fontes acadêmicas: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 305880/2007-1; 5-575853/2008 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125). Marcelo Augusto dos Santos Júnior preparou a figura. Agradeço a Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça pelos comentários. Esta é uma tradução parcial de Fearnside [3].

A fotografia que ilustra esse artigo é de uma protesto durante ocupação de Belo Monte, em 2013 (Foto: Paygomuyatpu Munduruku)

Leia artigo da última série do autor: [Belo Monte – Atores e argumentos: 15 – Oportunidade para mudar os financiadores da destruição](#)

Philip M. Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).